

ESTUDO BÍBLICO

ATOS DOS APÓSTOLOS

(34º ESTUDO)

O DISCURSO

E A REAÇÃO

Atos 22.1-30

REV. SILAS MATOS PINTO

O DISCURSO E A REAÇÃO

Atos 22.1-30

A polícia tem errado bastante e muitos têm abusado da sua autoridade em vários casos. As vítimas dos abusos recorrem à justiça e, às vezes, recebem a retratação e os policiais abusadores são presos ou afastados das suas funções.

Fui convidado, pela Federação de Jovens, para pregar a policiais de Águas Lindas de Goiás, numa homenagem que lhes estava sendo oferecida. Lá estavam muitos soldados e seus superiores. Usei o texto em que soldados vieram a João Batista, perguntando: *“E nós, que faremos? E ele lhes disse: A ninguém maltrateis, não deis denúncia falsa e contentai-vos com o vosso soldo”* (Lucas 3.14).

Me lembro das reações diversas que vi nos soldados. Uns concordavam, outros pareciam irritados com a palavra, pois João Batista deixou claro: a) *“A ninguém maltrateis”* – Afirmei-lhes que nenhum deles tinha o direito de machucar, ferir, ofender, menosprezar e maltratar a ninguém. O dever de todos eles era garantir o bem-estar das pessoas de bem e investigar, prender bandidos e entregá-los às autoridades para serem julgados; b) *“Não deis denúncia falsa”* – Infelizmente, é sabido de muitos casos em que,

pressionados por uma resposta rápida, policiais plantam provas falsas para apresentar um culpado à sociedade. O texto proíbe essa prática; c) *“Contentai-vos com o vosso soldo”* – Outra prática muito comum no Brasil, em todas as áreas, é a corrupção. Pessoas não se contentam com o salário e, desejando obter um valor maior, recebem propinas ou praticam outras atitudes erradas na busca de um ganho maior. João não deixou dúvida: o soldado deve se contentar com seu salário. Fiz o meu discurso, porém as reações não foram boas, mas ouviram.

Nesse texto Paulo enfrentou o abuso de autoridade, tanto dos judeus como dos soldados romanos.

Dos judeus, que não tendo motivos justos, sem que tenham submetido Paulo à justiça, sem que nenhum julgamento ou decisão judicial tenha sido declarada, eles pegaram Paulo à força e o arrastaram, o submetendo ao mais duro e sórdido espancamento.

Dos soldados romanos, quando, sem nenhum julgamento, soldados o amarraram com violência e já o iam espancar. Mas ele, usando do seu título, como cidadão romano, fez valer o seu direito e exigiu um tratamento digno. Pelo menos, nesse caso, teve o seu direito respeitado.

No estudo passado vimos que Paulo foi arrastado para fora do templo e espancado pelos judeus. No meio do espancamento foi retirado das suas mãos pela guarda romana. Tendo pedido para falar ao povo ele ia começar a falar, quando o capítulo 21 foi encerrado.

Agora, nesse texto trataremos sobre:

O DISCURSO DE PAULO E AS REAÇÕES DOS JUDEUS

Em primeiro lugar veremos **A DISPOSIÇÃO JUDAICA DE OUVIR APENAS O QUE INTERESSA** (1-21)

É interessante notar como as pessoas podem ser atentas a certas coisas e absolutamente desinteressadas noutras. Vimos pessoas gastar horas diante da televisão ou no cinema e totalmente insatisfeitas e apressadas para ouvir coisas relacionadas a Deus e ao seu reino. Como são prontas para irem para a balada, mesmo que esteja chovendo ou frio, e como dão desculpas para não irem à igreja. Como são prontas a gastar dinheiro com futilidades, comprando coisas que nunca usarão ou aplicando seu dinheiro em projetos fúteis e inúteis, porém indispostas e críticas ao entregar o seu dízimo e ofertas na igreja. Isso não é interessante, é triste. É lamentável que as coisas de Deus tenham, na mente das pessoas, tão pouca importância.

Jesus contou a parábola do Semeador e, nesta parábola, ele abrangeu esse tema, revelando que o desinteresse e as desistências, são obra maligna para impedir que pessoas sejam salvas e libertas das suas garras.

Veja: *“A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebatou o que lhes foi semeado à beira do caminho. O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza. O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera. Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; esse frutifica e produz a 100, a 60 e a 30 por 1”* (Mt 13.19-23).

Na atualidade é impossível que alguém se justifique de não ter ouvido o evangelho, pois ele tem sido propagado por várias bocas, em vários meios de comunicação. Há mensagens para todos os gostos. Televisão, rádio, revista, internet e tantos outros meios têm sido usados para propagar o evangelho. O problema é que há muitos que

ouvem, mas somente até que essa palavra lhes cobre comprometimento e abandono dos seus pecados.

Na parábola do Semeador temos ali representados os *“Crentes por pouco tempo”*. São pessoas que fazem parte da igreja, tornam-se até líderes, mas, se deixando dominar por situações adversas, abandonam tudo. Só são fiéis até certo ponto.

Paulo fala de um tempo em que as pessoas sentiriam *“Coceira nos ouvidos”*. Há muitos discursos e sermões sendo pregados para agradar aos ouvidos. Esses são bem aceitos. Mas o verdadeiro evangelho fala de morte, sacrifício, entrega, domínio e dependência. Ao chegar nesse nível, desistem de ouvir.

A Palavra de Deus é boa e transformadora, mas para vivê-la na sua inteireza, ela exigirá muito dos fiéis e estes sofrerão perseguições. Falar a verdade entre mentirosos; Ser fiel entre infiéis; ser casto entre adúlteros; ser honesto no meio da desonestidade. Tudo isto traz perseguições. Muitos, sendo perseguidos, desistem.

Aqui no texto aconteceu algo semelhante. Os judeus, depois de já terem espancado a Paulo, quando o viram sobre as escadas, pronto para falar, pararam tudo e, vendo que falava em hebraico, fizeram ainda mais silêncio. Veja:

“Irmãos e pais, ouvi, agora, a minha defesa perante vós. Quando ouviram que lhes falava em língua hebraica, guardaram ainda maior silêncio”.

Daí Paulo deu início à sua fala: *“E continuou: Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje”*.

Paulo falou da sua origem nobre. Era de uma família importante e tradicional judaica, pois só os ricos é que podiam pagar pela educação como a de um mestre como Gamaliel. Fora educado sob a Lei e se destacava entre os seus pares, sendo zeloso no cumprimento da Lei.

Paulo fala do seu trabalho como perseguidor da Igreja. Ele foi um triste instrumento contra os crentes, porém os judeus sabiam e gostavam: *“Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em cárceres homens e mulheres, de que são testemunhas o sumo sacerdote e todos os anciãos. Destes, recebi cartas para os irmãos; e ia para Damasco, no propósito de trazer manietados para Jerusalém os que também lá estivessem, para serem punidos”*.

Paulo espelhava o ódio que os judeus tinham pelos cristãos. Ele prendia, maltratava e fazia parte daqueles que executavam os crentes. Ele tinha prazer em puni-los.

Entra a parte desinteressante e o ponto de condenação para os judeus. Assim ocorre conosco, quando contamos a incrédulos o que Deus fez na nossa vida e de como ele transformou tudo em nós. Eles não gostam de ouvir e, até mesmo, se opõe a nós por essa nossa experiência com Deus.

Veja o relato de Paulo sobre o que lhe aconteceu no encontro com Jesus: *“Ora, aconteceu que, indo de caminho e já perto de Damasco, quase ao meio-dia, repentinamente, grande luz do céu brilhou ao redor de mim. Então, caí por terra, ouvindo uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Perguntei: Quem és tu, Senhor? E o Senhor me disse: Levanta-te, entra em Damasco, pois ali te dirão acerca de tudo o que te é ordenado fazer”*.

Falar de Jesus para judeus, que mataram Jesus, depois de o perseguir e tendo se unido em multidão para exigir a sua crucificação, foi como se afrontasse à multidão.

Para eles seria impossível que Paulo tivesse encontrado e falado com um morto. Mas para Paulo essa

experiência com Deus mudou todo o curso da sua vida e, por isso, estava ali.

Disse, também, como ficara cego e como recobrou a visão: *“Tendo ficado cego por causa do fulgor daquela luz, guiado pela mão dos que estavam comigo, cheguei a Damasco”*.

Em Apocalipse encontramos a descrição do céu e diz que não haverá luz, pois, o brilho do próprio Deus iluminará tudo. Veja que Paulo viu apenas parte da glória de Deus e ficou cego. O mesmo aconteceu a Moisés, que após ver sua glória, ficou com o rosto brilhando por muito tempo. Que experiência!

Ele, no seu discurso, quis mostrar que estava cercado de judeus tementes a Deus, para assim provar que as acusações contra ele eram infundadas: *“Um homem, chamado Ananias, piedoso conforme a lei, tendo bom testemunho de todos os judeus que ali moravam, veio procurar-me e, pondo-se junto a mim, disse: Saulo, irmão, recebe novamente a vista. Nessa mesma hora, recobrei a vista e olhei para ele”*.

Também mostrou que suas atividades, como um cristão, não foram vividas como por acaso, mas sob uma ordem dada pelo próprio Deus: *“Então ele disse: O Deus de*

nossos pais, de antemão, te escolheu para conheceres a sua vontade, veres o Justo e ouvires uma voz da sua própria boca, porque terás de ser sua testemunha diante de todos os homens, das coisas que tens visto e ouvido”.

Ele recebera de Deus a ordem de ser testemunha fiel das palavras que ouviu e das experiências que viveu. Ele veria a Jesus, ouviria a sua voz e testemunharia a todos.

Mostrou também que Deus cobrou dele uma atitude imediata. Deus o queria comprometido com sua missão e não poderia protelar: *“E agora, por que te demoras? Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome dele”.*

Assim como ele, todos os que encontram com Jesus, obrigatoriamente, tem de ser batizados, professar a sua fé e se tornar testemunhas, também, do que Deus lhes fez e de como ele os salvou, dando sua vida na cruz.

O discurso chega ao momento do seu retorno a Jerusalém, após a sua conversão, quando ainda pensava que podia ter a simpatia dos seus compatriotas, com base nas suas atitudes anteriores, como perseguidor da Igreja: *“Tendo eu voltado para Jerusalém, enquanto orava no templo, sobreveio-me um êxtase, e vi aquele que falava: Apressa-te e sai logo de Jerusalém, porque não receberão o*

teu testemunho a meu respeito. Eu disse: Senhor, eles bem sabem que eu encerrava em prisão e, nas sinagogas, açoitava os que criam em ti. Quando se derramava o sangue de Estêvão, tua testemunha, eu também estava presente, consentia nisso e até guardei as vestes dos que o matavam. Mas ele me disse: Vai, porque eu te enviarei para longe, aos gentios”.

A partir dessa parte do discurso eles o interromperam com gritos e jogando terra para o ar. Era uma forma de incomodar e impedir que continuasse a falar. Acabou. Não podiam mais ouvir.

Como os judeus, há muitos hoje que só estão dispostos a ouvir sermões e estudos bíblicos até o momento em que ele toca na sua ferida ou que exige um comprometimento com Deus e atitudes que revelem uma vida transformada.

Em segundo lugar, veremos que **A INTOLERÂNCIA JUDAICA DESPERTOU NELES A VIOLÊNCIA** (22-30)

“Sanguíneo” é uma característica de pessoas que não têm paciência e explodem quando são confrontadas ou quando mexem com assuntos delicados, que sejam da sua preferência. Esses mudam o comportamento agradável e socialmente aceito para um comportamento violento,

imprudente, sem controle das suas palavras e dos seus atos.

Quando Jesus entra num coração ele, obrigatoriamente, tem de ser transformado. O problema é que muitos se tornaram religiosos sem se tornarem servos de Jesus. São frequentadores de igrejas, mas na prática de vida, anulam tudo o que dizem que Jesus fez por eles. São crentes na teoria, porém, na prática, são servos de Satanás. Seu modo de reagir nada tem a ver com Cristo. Tem tudo a ver com o inimigo das nossas almas.

Os judeus receberam as promessas. Foram a eles que Deus enviou profetas para dar-lhes esperança de um dia o Messias nascer e salvá-los. O problema é que sua esperança não mirava o céu, mas a terra. A esperança messiânica deles era de uma liberdade política. Esperavam que o Messias se assentasse no trono, em Jerusalém.

A missão do Messias nunca foi bem aceita. No início o rei Herodes o queria matar, enquanto era um bebê, para não correr o risco de perder o trono. Depois, mesmo tendo feito tantos milagres e o bem a tantas pessoas, eles pediram sua morte e o crucificaram. O Messias veio a eles, mas eles o rejeitaram.

Como eram propensos à violência, veja: *“Ouviram-no até essa palavra e, então, gritaram, dizendo: Tira tal homem da terra, porque não convém que ele viva!”*

A vida das pessoas passa a ter tão pouco valor quando os outros estão com raiva, não é? Se dispõe a matar com naturalidade. O fato de Paulo pensar diferente deles, e não andar de acordo com os seus costumes, para eles, essa situação era passível de morte.

Veja como reagiram: *“Ora, estando eles gritando, arrojando de si as suas capas, atirando poeira para os ares”*. Já ouviram falar em cortina de fumaça? Esse é um modo de confundir os sentidos. Foi o que fizeram. Jogaram poeira ao ar como fazem os animais irracionais quando estão raivosos.

Diante desta cena, o comandante da guarda romana, tomou uma atitude muito comum em nossa época: Punir um inocente porque a maioria afirma que ele é culpado: *“Ordenou o comandante que Paulo fosse recolhido à fortaleza e que, sob açoite, fosse interrogado para saber por que motivo assim clamavam contra ele”*.

Que situação sem sentido! Surrar um homem porque outros o estão querendo matar. Não seria melhor procurar saber dele as razões para tanta oposição, sem uma tortura?

A situação de Paulo ficou melhor porque o Império romano dava àqueles que tinham o título de cidadão romano o direito a um julgamento justo, em casos como estes. Paulo usou o seu título a seu favor e exigiu que o tratassem com base nele: *“Quando o estavam amarrando com correias, disse Paulo ao Centurião presente: Ser-vos-á, porventura, lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado? Ouvindo isto, o centurião procurou o comandante e lhe disse: Que estás para fazer? Porque este homem é cidadão romano”*. A cessão de tortura foi adiada.

O comandante quis conferir pessoalmente, pois não pareceu que Paulo tivesse condições de ter um título como aquele: *“Vindo o comandante, perguntou a Paulo: Dize-me: És tu romano? Ele disse: Sou. Respondeu-lhe o comandante: A mim me custou grande soma de dinheiro este título de cidadão. Disse Paulo: Pois eu o tenho por direito de nascimento. Imediatamente, se afastaram os que estavam para o inquirir com açoites”*.

Uma preocupação pairou sobre a cabeça do comandante, pois nem ao menos o poderiam ter amarrado: *“O próprio comandante sentiu-se receoso quando soube que Paulo era romano, porque o mandara amarrar”*. Esse é o

problema daqueles que abusam da sua autoridade. Quando sabem quem é a pessoa, amofinam.

Vi um vídeo engraçado, no qual um policial abordou um homem negro que estava num carro grande e bonito. Baseado no seu preconceito, o tratou com desprezo por achar que ele não teria condições de ter um carro como aquele. Depois de falar besteiras, o motorista negro perguntou: Você sabe quem sou eu? Sou, disse o seu nome, e mais, sou procurador da república, mostrando sua carteira. O soldado falou também: O senhor sabe que eu sou? Não, disse o motorista. Então o soldado saiu correndo por achar que não seria identificado. Esse foi o medo do comandante.

Entre os judeus havia um tribunal chamado Sinédrio. Era como o Supremo Tribunal Federal, para nós. Tinha a autoridade máxima em Israel. O comandante apresentou Paulo a eles, mantendo os guardas à postos: *“No dia seguinte, querendo certificar-se dos motivos por que vinha ele sendo acusado pelos judeus, soltou-o, e ordenou que se reunissem os principais sacerdotes e todo o Sinédrio, e, mandando trazer Paulo, apresentou-o perante eles”*.

Esse é o fim desse capítulo. Os judeus estavam sempre prontos a responder com violência. Gostaria que

cada um de nós aprendesse com Jesus a ser manso e humilde de coração, pois a palavra branda alivia o furor. As palavras de ira produzem mais ira.

Nesse estudo tratamos sobre

O DISCURSO DE PAULO E AS REAÇÕES DOS JUDEUS

Vimos, entre os judeus, **A DISPOSIÇÃO JUDAICA DE OUVIR APENAS O QUE LHE INTERESSAVA** (1-21)

E, também, que,

A INTOLERÂNCIA JUDAICA DESPERTOU NELES A VIOLÊNCIA (22-30)

Saibamos, pois, agir para o bem, quando estivermos sendo atacados ou quando pessoas expuserem pensamentos que são contrários ao nosso. Pessoas podem pensar diferente de nós, sem, contudo, serem nossos adversários.

Pensem nisso.